

Doença mental e da personalidade

* José Milano

Quando Freud aborda a questão da Psicose, tem inteiro conhecimento de uma diferença que ele toma ao final do artigo sobre Schreber entre: paranóia e parafrenia; há uma pergunta em Lacan quando aborda esta questão no Seminário III: por que Freud escolhe a Paranóia e não a parafrenia, esta última equivalente à Esquizofrenia? O que me resulta muito interessante desta pergunta é que a questão na Paranóia — o que se põe em relevo — é a questão do eu (moi). Isto se inscreve em um trabalho — um desenvolvimento teórico — de Freud a respeito da libido. Esta eleição — que segue Lacan — toma sentido se considera-se não tanto pelo valor diagnóstico senão em função do dispositivo analítico, já que o que nomeio como “Paranáia” aparece com um peso muito específico relativo ao “moi”; quer dizer: todo o material com que arma o discurso paranóico é tomado do corpo. “É normal”, diz Lacan, já que se organiza esse discurso em função do corpo.

Agora, bem, quando Lacan no Seminário III põe as categorias do Imaginário, Simbólico e Real, diz que a relação com o próprio corpo caracteriza o Imaginário. Isto está inscrito num desenvolvimento relativo à Etologia, em função desta, aparece um recobrimento entre a relação com o próprio corpo e o Imaginário, e mais, o Imaginário mesmo é caracterizado como “a relação com o próprio corpo”.

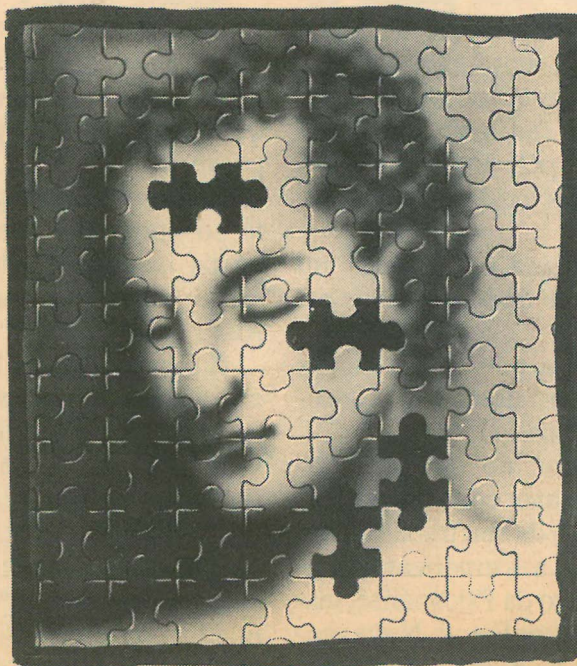
Alguns anos antes do Seminário III, Lacan escreve “A Psicose Paranóica e suas relações com a Personalidade”, após vários anos de trabalho no Seminário “Le Symthome” (16-12-75), Lacan diz que a Psicose Paranóica e a Personalidade não tem nenhuma relação entre elas já que são o mesmo, e que, por elaborar esta questão — que entendo referir-se a dimensão do registro Imaginário — atrasou a publicação deste texto.

Que implica esta formulação? A meu entender, o que está implicando é que, a diferença dos trabalhos no Seminário III e o

escrito sobre a Paranóia a partir do desenvolvimento do registro Imaginário, Lacan já não parte do fato de supor um eu. Então, o “moi” corporal, não está de entrada, o fato de considerá-lo entrada e homólogo ao registro Imaginário, colocava a psicose paranóica em relação com o eu, fonte da personalidade, de certos traços estáveis; a partir do desenvolvimento do Imaginário, o “moi” e o Imaginário, entendo que não se recobrem. E mais, assim como o sujeito é uma hipótese, neste sentido forma parte da hipótese o “moi”, no sentido que não é um dado de partida, senão algo a construir. No Seminário XXIV, sobre o Inconsciente, Lacan, citando Gustave Le Bon, diz que a raiz de “Psicologia das Multidões...” tal como o toma Freud, se colocam unidades, uma por uma, como pérolas, diz e agrega: “mas a questão é demonstrar a existência do “moi””.

Assim, essas unidades não supõem de entrada a existência de um “moi” e entendo que a eleição, tanto de Freud quanto de Lacan ao aprofundar a questão da loucura entrando pelo lado da psicose paranóica, especificamente considera, não uma questão da diagnóstico, senão algo relativo ao dispositivo analítico, já que esta questão do “moi” ali, de entrada, a partir de Freud, do “Projeto de uma Psicologia...” está apresentado como um sistema estável, quer dizer: é o único que no falante haveria de estável. É o que faz, por exemplo, que um discurso se reitere regularmente de sessão a sessão, se apresente com a mesma trama, se repita com os mesmos conflitos, as mesmas identificações, embora sejam contraditórias — como na histeria — que se colocam as mesmas identificações. Este sistema do eu supõe um ponto estável, um ponto de peso na trama discursiva e pelo mesmo, um fantasma central na língua, um fantasma em função do qual se organiza o imaginário.

Entendo que ali está o interesse analítico pelo fato de que é em função deste traço mínimo que se mantém estável, que é



possível situar no lugar do “semblant”.

No mesmo tempo em que Lacan produz esta formulação de que a paranóica é a personalidade e se centra o que fala no “moi”, começa o que se conhece como o nome de “Apresentações de doentes” de J. Lacan. Proponho para simplificar isto o caso Brigitte, já que é o mais ilustrativo. É de 09-04-76. Aqui se ve com clareza esta não coincidência do “moi” com o registro Imaginário. Brigitte diz... “produz” um discurso sobre o “parecer”. Brigitte diz: “... é sua pequena irmã o que eu queria depois a tenho preferido a ela, parecia que nos parecíamos, parecia que... nos parecíamos... parecia... mas ela não se parecia comigo, certamente não. Mas eu tenho imaginado que ela se parecia comigo, o que eu buscava, na minha opinião, é parecer alguém para mim mesma, é a condição de vida, é o que busco, é por isso que busco tomar a vida, como não tendo vida própria...”

No desenvolvimento há um termo que mostra uma ponta significante, há uma vacilação na língua francesa de um termo (Lacan pressiona ali, porque no discurso todo vale o mesmo, senão) “tauchon”, que é como se chamava sua parteira, a parteira

está mais aquém da marca, isto coloca esta loucura de “ser ou não ser”, mas há um esforço lógico no discurso de “ir a marca”. Porém em Brigitte não há este vetor, senão que se orienta exatamente no sentido oposto, numa disgregação, onde seu discurso não tem peso algum, não há nenhum ponto de referência a respeito desta questão. Lacan chega a dizer: “trata-se de que não tem a menor idéia de que tem um corpo”. Haveria que colocar um Imaginário que não teria um corpo, um “moi”, um sistema estável nesse ponto, uma marca mínima.

Estes dois pólos que temos exemplificados entre a paranóia — dado que trata-se de um imaginário puro — um Imaginário que no limite há que considerá-lo sem eu, um Imaginário sem eu supõe a dimensão específica do mental, é o que entendo que Lacan chama “doença mental”. Agora, a hipótese que eu vejo indispensável para entender muitíssimos desenvolvimentos de Lacan a respeito, é que é necessário não fazer coincidir o “moi” com o Imaginário, dado que o Imaginário supõe um registro sem marcas, é um registro dos excessos e defeitos, mas não há marca de um ponto estável. Diferente das doenças relativas ao eu. Por isso entendo que pode-se falar de “Doença Mental” e “Doença da Personalidade”. Faz-se então necessário partir do fato de que não há eu de entrada senão que é a constituir, e mais, entendo que o apoio pelo lado da paranóia, do eu, tem permitido a Lacan fazer os desenvolvimentos relativos a Topologia da Superfície. Assim, como não coincide o eu com o Imaginário, em outro trabalho de Lacan, quando trabalha a respeito de Joyce, o Ego não coincide com o corpo. Nesta via deixo aberta esta questão do que implica não fazer uma equação direta entre: o Eu, o Corpo e o Imaginário.

(Tradução: Ricardo E. Delfino)

* Psicanalista — Argentino —
Co-fundador da Fundação do Campo Lacaniano e Membro da Escola Freudiana da Argentina.



ACRILICO & CIA

TUDO QUE IMAGINAR EM ACRÍLICO

PROJETOS DE ARQUITETURA
ACESSÓRIOS, P/BANHO, ACRÍLICO, METAL, MADEIRA, POLIESTER

ENDEREÇO
RUA LOPES TROVÃO, 134/136 - CENTER V - ICARAÍ - NITERÓI - RJ



PIETRO LUCCA

MODA MASCULINA LTDA

SHOPPING JABAQUARA - LOJA 38
RUA DOS BURITIS, 54

TEL: (011) 276-4800
CEP 04321-000 — SÃO PAULO - SP